

## Novos testemunhos gráficos do galego *decer* 'dizer'

R. CARBALLO CALERO

Universidade de Santiago

No volume 5 da revista *Verba* publicou-se um artigo em que se recolhiam testemunhos gráficos da forma galega *decer*, com a significação de 'dizer'. *Dizer* é, segundo se sabe, o resultado habitual de *dīcēre* no galego antigo, resultado que conservou o português. No galego moderno, assenta Ramón Lorenzo<sup>1</sup>, "se ha perdido la forma *dizer*, siendo la actual *decir* (*dicir* es un vulgarismo)". Nós temos apresentado provas da existência de *decer* no galego oral actual, bem que, certamente, com carácter residual. Mas aparece claro que o deslocamento de *dizer*, *decer* por *decir* é bastante moderno, já que os testemunhos gráficos acusam o uso geral da forma *decer* até princípios da segunda dezena do século XIX. Assinalávamos a aparição daquela forma num texto escrito datado em 1603, o que, naturalmente, supunha a existência da forma numa data anterior. Vamos agora completar a nossa informação, citando textos mais antigos, e também outros posteriores a 1813, que convém acrescentar aos que já registávamos. Tais dados novos dilatam em ambos os sentidos a vida de *decer*, ou, se se preferir, das formas em *-er* resultantes de *dīcēre*.

Ainda que *dizer* seja a forma normal do galego antigo, nas *Cantigas de Santa Maria* (século XIII) regista-se, excepcionalmente, *dezeno*, já com a sequência *e-e* em lugar de *i-e*:

Mas aquela foi-llo negar,  
*dezeno*: Gran torpidade  
fezestes sol deste cuidar,  
e allur o demandade.

E tan muito o foi seguir,  
que ja non pude mais mentir,  
e o frade fez o viir,  
*dezeno*: Por Deus, uviade<sup>2</sup>.

A troca da vogal radical *i* para *e* é registada por Lorenzo na tradução da *Crónica General* e a *Crónica de Castilla* (século XIV): *dezia*, *deziã*, *deziã*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, II, p. 487.

<sup>2</sup> Walter Mettmann, Afonso X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*, volume II, pp. 349-350: cantiga 239, versos 15-18 e 55-58. A passagem de vogal radical *i* para *e* dá-se também em falares fronteiriços de Trás-os-Montes, onde hoje se ouve *dezerei*, *dezeria*, *dezesse*, como indica Maria José de Moura Santos (*Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 1967, pp. 234-235).

<sup>3</sup> *Ob. cit.*, p. 485.

A forma *decer* encontramos-la agora na *Relazon* da morte do Mariscal Pero Pardo, o que nos leva a principios do século XVI:

con *decer* que se levantaba coo bispado de Mondoñedo<sup>4</sup>.  
*decendo* nõ podera dar<sup>5</sup>.

No *Entremés* da pesca no rio Minho (1671) aparece *decer*, tanto no texto falado pelo Galego:

Mais non o quero *decer* (V. 261),  
Quero *decer*, se libran o pelico (V. 355),

como no falado pelo Portugués:

Quero-bos *decer*, Roleiro (V. 205)<sup>6</sup>.

Outro testemunho de *decer* de fins do século XVII, proporciona-no-lo um autor que participou nas *Fiestas Minervales* de 1697 com poesias em castelhanu exclusivamente. Mas J.L. Pensado publicou un vilancete galego desse autor, que desta vez assina como Azagra, texto no qual se confirma mais uma vez que a forma en *-er*, com *e* no radical, era a vigente naquela época. A estrofe final reza:

As Pastores lle ten Ley,  
*deçendolle*: enamorado;  
quen vos trougo acá, *dezei*,  
entre Bestas, sendo Rey?  
Y el *dezia*: Mal Pecado<sup>7</sup>.

No noso traballo anterior aduzia-se um exemplo do Cura de Fruíme. Eis outro:

Mais, mal pecado, unha besta  
coma eu, ¿qué ha de *decer*?<sup>8</sup>.

Aos textos posteriores a 1813 em que aparece esporadicamente *decer* (ou *dicer*), aduzidos no anterior traballo, agregamos agora os seguintes. Um de 1843:

Sobre esta molesta praga  
moito tiña que *deser*<sup>9</sup>.

Outro de 1863, o ano de *Cantares Gallegos*:

Vamos, meu pai, á *decer*  
que na vila estoutro dia  
cando da misa salia,

<sup>4</sup> *Memorial de la Casa de Saavedra*, Granada, 1679, p. 137.

<sup>5</sup> *Id.*, p. 138.

<sup>6</sup> No portugués desta peça encontra-se também *dicir*: “que con *dicir* esto basta” (v. 20).

<sup>7</sup> X.L.P., “Un vilancico galego inédito”, em *Grial*, 42, Vigo, 1973, p. 487.

<sup>8</sup> *Obras en prosa y verso del Cura de Fruíme*, vol. VII, Madrid, 1781, p. 397.

<sup>9</sup> *Letrilla gallega en celebración de la declaración de mayor edad y solemne juramento de S. M. la Reina D<sup>a</sup> Isabel II de Borbón*, Santiago, Imprenta de la V. e H. de Compañel, 1843. O autor é Vicente Turnes.

como tiña algún Leser  
 fun à praza para ver  
 se había moitas sereixas  
 (este non é darvos queixas)  
 e alí encontrei a Catuxa  
 berrando coma unha bruxa:  
 ¿Quén quer mercar as carqueixas?<sup>10</sup>.

Outro de 1881:

Vai saíndo longa de máis esta carta; por esto vou acabala, *dicéndoche* que, cando rapaces, con pouco diñeiro se mantía unha casa<sup>11</sup>.

Agora, um de 1886:

Como iste traballo non se publicóu, a lo menos que nosoutros sepamos, non podemos *decere* nada respecto a il<sup>12</sup>.

Do mesmo ano são os testemunhos que nos fornece José Pérez Ballesteros, mas estes têm especialíssimo interesse, porque, tratando-se de quadras recolhidas de boca do povo, abonam a vigência das formas no galego oral daquela época, tão próxima à nossa, em zonas onde hoje não estão documentadas; e, além disto, enriquecem-se com observações do colector que nos subministram mais informação sobre o assunto.

Á tua nai xa ll' o dixer,  
 á teu pai vóull' o *dicer*,  
 á ti non che digo nada  
 fái o que che parecer.

Nota de Pérez Ballesteros: "Cerca de Vivero, provincia de Lugo. En la de la Coruña apenas se usa en esta terminación el verbo *DICIR*"<sup>13</sup>.

O merlo e mai-la merla  
 iban po-l-o prado arriba,  
 o merlo iba *dicendo*  
 ¡qué ben ch' está a mantilla!

Pérez Ballesteros anota: "*DICENDO*: así oyó esta palabra el colector en Abegondo, partido judicial de Betanzos"<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> Vicente Fociños, "Gritos en Santiago", em *Galicia, Revista Universal de este Reino*, Coruña, 1 julio 1863.

<sup>11</sup> Justo Pico de Coaña, "Literatura gallega. Carta a Bastián da Pallarega, en Boston (Estados Unidos), subdialecto de la costa de la provincia de Lugo, entre Vicedo e Burela, Vivero 30 de mayo 1881", em *La Ilustración Gallega y Asturiana*, tomo III, núm. 21, Madrid 28 de julio de 1881, p. 93.

<sup>12</sup> Juan Manuel Rodríguez de Cea, *Filios de Galicia que na actualidade cultivan no libro ou na prensa o dialeuto gallego. Lixeira idea das suas obras*. Memória premiada no Certame Literário de *O Galiciano*, celebrado en Pontevedra o 9 de agosto de 1886 e publicada no libro *Produciós premeadas...*, Pontevedra, Imp. de José Alfredo Antúnez, 1886.

<sup>13</sup> José Pérez Ballesteros, *Cancionero popular gallego*, tomo II, Madrid, 1886, pp. 1-2.

<sup>14</sup> *Id.*, p. 31.

Xa sei qu' osté sabe moito,  
non pretendo de o vencer;  
n-a primeira cantiguiña  
adiós lle quero *decer*.

Notas: "Recogida en Aranga, partido judicial de Betanzos". "También se usa *DICIR* en lugar de *DECER*, común en la parte de la montaña"<sup>15</sup>.

Unha vai de zocos  
outra de chinelas  
e outra vai *dicendo*  
¡quén compra libernas!

Notas: "Recogida en Ares, partido judicial de Puendeume". "*DICENDO*: generalmente se usa *dicindo*"<sup>16</sup>.

Curros Enríquez, no seu prólogo ao libro *Aturuxos*, de Ramón Armada Teijeiro (1897), utiliza *dicer*:

Pola época i o medio en que se concibeu e sai á luz, pode *dicerse* que este libriño é un estranxeiro<sup>17</sup>.

Afinal, indicaremos que num Vocabulário de principios do século XX achamos as seguintes entradas:

ASEGURAR: Decer

BENDECIR: Bendecer, bendecir<sup>18</sup>.

*Desdecer* é recolhido por Ibáñez no seu dicionário da rima<sup>19</sup>.

Como é sabido, um certo número de verbos em *-er*, do galego antigo passaram à conjugação *-ir* no galego moderno usual. É o caso de *dizer*, *escrever*, *sofrer*, etc., todos os quais são da terceira conjugação em castelhano moderno. Como o galego moderno está fortemente corroído pelo castelhano, o trânsito de *-er* a *-ir* poder ser influência da língua do Estado. Mas também se pode pensar num processo de harmonização vocálica e de reagrupação análogica das flexões segundo as sequências resultantes, processo que, em parte, seria comum às duas línguas que se ouvem na Galiza<sup>20</sup>. Este trabalho, complemento do anterior, não pretende senão acarretar dados para a história do processo *dizer* > *decir*, e mostrar como a resistência dos descendentes de *d i c e r e* a passar em galego da segunda à terceira conjugação —segundo prova a teimosa persistência da forma *de-*

<sup>15</sup> *Id.*, p. 77.

<sup>16</sup> *Id.*, p. 300.

<sup>17</sup> *Obras completas de Curros Enríquez, V, La lira lusitana, La señorita de aldea, De mi álbum, Artículos y poesías en gallego y castellano...*, Madrid, Librería de los Sucesores de Hernando, Calle del Arenal, núm. 11, 1912, p. 219.

<sup>18</sup> Jacinto del Prado, *Vocabulario castellano-gallego*, Lalín, Imp. de *La Defensa*, 1907.

<sup>19</sup> José Ibáñez Fernández, *Diccionario galego da rima e galego-castelán*, 2ª edición, Madrid, 1956, p. 66.

<sup>20</sup> Cf. R. Menéndez Pidal, *Manual de Gramática histórica española*, Madrid, 1968, pp. 284-286, e A. Santamarina, *El verbo gallego*, Vigo, 1974, pp. 48-50.

*cer*, que se vai retirando do combate com o mesmo moral defensivo dum Ajax perante um Heitor— se sustém até os próprios tempos de hoje<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> As *Bases pra unificación das Normas lingüísticas do galego*, Madrid, 1977, admitem a alternância das formas *decir/dicer*. Esta última é a única usada por alguns escritores das novas promoções. Ajax contra-ataca.

